

Colégio Estadual Cívico-Militar Professor Francisco Villanueva - Ano II - Nº 7 - Rolândia, 24 de março de 2022

Destaque: MULHERES

Arte, Ciência, Educação, Religião, Administração:

Representatividade Feminina em várias áreas do Saber



REPORTAGENS

Marilena Chauí e Monja Coen:
a Filosofia e a Religião representadas por duas grandes Mulheres

ENTREVISTAS

Convidadas de diversas áreas falam sobre vida, profissão e o papel da Mulher na sociedade atual

EDITORIAL	SUMÁRIO
Esta edição representa muito para nós! Primeiramente, porque novos alunos estão passando a integrar a nossa equipe de “jornalistas” do Projeto “Conectados com a Gente”. Damos boas-vindas a Bianca, Cecília, Elias, Nicolas, Rafael e Sofia! Para nós, é muito bom poder contar com a empolgação e a dedicação de alunos que se destacam em nosso colégio. Finalmente, porque trazemos uma edição especial em homenagem à Mulher! No último dia 08 de março, foi celebrado o Dia da Mulher. Embora seja uma data aproveitada para comemorar e também presentear, não podemos deixar de buscar refletir sobre o papel da mulher na sociedade, seja no passado, no presente ou no futuro. Milton Nascimento, em sua música “Maria, Maria”, traz um verso que nos provoca a fazer essa reflexão sobre a mulher: “uma força que nos alerta”. É a mulher que sinaliza para o homem que é preciso ter: sensibilidade, para perceber os detalhes de tudo o que está à volta, tranquilidade, para pensar antes de agir ou falar, intuição, para deixar de lado a impulsividade masculina, e gana, para não pensar em desistir diante dos primeiros obstáculos. São essas qualidades (junto de inúmeras outras) que fazem com que a mulher esteja em todos os ambientes profissionais e provoque mudanças. Seja na escola, na universidade, na cozinha, na clínica, no hospital, no ateliê, na pista ou nos outros ambientes que poderão ser vistos nas entrevistas, temos exemplos de protagonismo feminino dentro e fora de nosso colégio. Todas as entrevistadas e as mulheres referenciadas nas reportagens são exemplos para nossos alunos, principalmente, para nossas alunas. E em uma sociedade em que ainda há notícias de feminicídio e de casos que nem viram notícias por causa de muitos outros fatores, precisamos de exemplos. Nas próximas páginas, várias entrevistadas falam sobre formação acadêmica, experiência de vida e o que pensam sobre o papel da mulher em suas áreas. E que lindos exemplos para nossas alunas e também para nossos alunos! Esperamos que gostem do que elas nos contam. Também fomos presenteados com uma receita de nossa querida Mara, cozinheira de nosso colégio, fotos de obras produzidas pela artista Elke Coelho. Aproveitamos para parabenizar nossa ex-participante deste projeto, Ellen Beatriz Souza da Silva, que foi aprovada no curso de Letras, na UEL!!! Conectados com a Gente!	Uma jornada diante da invisibilidade 03 A importância da mulher na religião: Monja Coen . 04 Educação além da sala de aula 05 Protagonismo feminino na Gestão Escolar 06 O protagonismo da mulher na construção da História de Rolândia 07 A sensibilidade da mulher na Medicina 08 Exemplo de mulher na Universidade 09 A força da mulher na administração de uma empresa 10 O destaque da mulher na Odontologia 11 Poder, motivação, liderança e desenvolvimento: a mulher na Tecnologia 12 A força da mulher na Dança 13 Protagonismo feminino na Gastronomia 15 Garra, força e vitória: a mulher no Esporte 16 A representatividade feminina no Jornalismo 18 Pedagoga e Educadora: a representação feminina na Educação 20 A mulher na Música 21 Elke Coelho e a representatividade feminina na Arte 22

Uma jornada diante da invisibilidade

O legado construído pela filósofa Marilena Chauí em um ambiente onde sua voz nem sempre pode ser ouvida.

Por Erick Junio Barone

Sempre quando voltamos para o pensamento filosófico e para os principais pensadores, podemos notar como em sua constituição histórica, a Filosofia foi construída, aparentemente, apenas pela figura masculina, tendo uma ausência de participação de mulheres e do estudo de suas teorias, o que faz muitos se questionarem se sequer houve ou há filósofas. A resposta para a pergunta é justamente sim, porém, a sua visibilidade, constantemente, foi ocultada e muitas vezes silenciada ao longo de nossa história. O objetivo aqui é poder justamente trazer à tona essa realidade, muitas vezes passada em branco por nós, apresentando uma dentre tantas histórias deixadas à margem da invisibilidade. “Todavia, a moderação não pertence da mesma forma ao homem e à mulher, nem tão pouco a coragem ou a justiça, como pensava Sócrates. (...) Apesar de tudo, estamos em crer que se aplica bem em todas as situações o verso do poeta sobre a mulher: ‘o silêncio dá encanto à mulher’, mas não ao homem.” Política, Aristóteles.



Foto: Raquel Aviani / Secom-UnB

“A busca da verdade está sempre ligada a uma decepção, a uma desilusão, a uma dúvida, a uma perplexidade, a uma insegurança, ou então, a um espanto e uma admiração diante de algo novo e insólito.” Frase dita por Marilena Chauí, intelectual brasileira de extrema importância em nosso país (e no exterior, onde já atuou diversas vezes), no âmbito filosófico e político. Professora do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo (USP), onde atua desde 1967, é uma especialista em Filosofia Política e História da Filosofia Moderna.

Nascida em São Paulo, no dia 4 de setembro de 1941, é filha do jornalista Nicolau Chauí e da professora Laura de Souza Chauí. Marilena iniciou seus estudos no Grupo Escolar de Pindorama, interior paulista, onde realizou o curso primário. Ela deu sequência à sua formação secundária no Colégio Nossa Senhora do Calvário, na cidade de Catanduva, concluindo-o no Colégio Estadual Presidente Roosevelt, na capital, onde teve aulas com o professor de filosofia João Villalobos, responsável por fazê-la se encantar por esse universo. “Julguei que a Filosofia abarcaria todas as outras disciplinas que eu desejava cursar e, por isso, me decidi por ela.”

Foi assim que, depois de completar o ensino médio, ingressou na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, em 1960, graduando-se em 1965. Durante o curso, o país vivia uma severa ditadura militar, fato que viria influenciar de certa forma o rumo de suas obras futuras, assim como seu posicionamento político diante de suas experiências ao vivenciar colegas

serem exilados ou assassinados por causa de suas convicções políticas. Em 1966 entrou na pós-graduação, recém-criada, na mesma instituição, e, em fevereiro de 1967, apresentou a dissertação “Merleau-Ponty e a crítica do Humanismo”, orientada pelo Professor Doutor Bento Prado de Almeida Ferraz Júnior, tendo concluído o mestrado em apenas um ano.

Nesse mesmo ano ela deu início ao seu doutorado, na França, onde ficou de 1967 a 1969, defendendo sua tese sobre o filósofo Espinosa, em 1971, também na USP, sob a orientação da Professora Doutora Gilda Rocha de Mello e Souza. Sua tese de livre-docência foi, posteriormente, defendida na Universidade de São Paulo, em 1977, com o título “A nervura do real: Espinosa e a questão da liberdade”, em que abordou temas como imanência, liberdade, necessidade, servidão, beatitude e paixão.

No ano seguinte ela prestou concurso, conquistando, enfim, o cargo de professora titular de Filosofia. Respeitada não apenas por sua obra acadêmica, mas também pela intensa e frequente ação no âmbito intelectual e político brasileiro, como citado anteriormente, ao longo de sua carreira, Marilena publicou diversas obras, ganhando reconhecimento e reverência como escritora devido à sua escrita apresentar um estilo didático e singelo, com uma fácil compreensão, ocasionando, assim, o seu sucesso com pessoas leigas, fora das portas do universo acadêmico, sendo a obra “O que é ideologia?” (1980) um de seus livros mais influentes dentre os trinta e dois já publicados até a data desta publicação.

Sócrates, já na Antiguidade, levantava o papel da mulher na Filosofia, porém, devido aos valores sociais da época, os contras logo apareceram em seu caminho. Desde aqueles tempos, já existiam mulheres filósofas, porém, elas não tinham um espaço político. Algumas, como Hipácia, até puderam conseguir o seu espaço nesse meio, contudo, apenas depois de exercer muita coragem e vanguarda para a época. Entretanto, mesmo com seus esforços, suas histórias raramente são pouco conhecidas, assim como seus estudos são raramente agregados à composição filosófica. E tal realidade se estende até os dias atuais. Estatísticas apontam que a maioria das mulheres que ingressam no curso de Filosofia, composto pela sua grande maioria por homens, acaba desistindo, por não se sentir em pé de igualdade com os demais colegas.

O meio filosófico pode ser bastante arrogante com os indivíduos que participam dele, devido à utilização proposital de termos complexos, com o intuito de desvalorizar o intelecto do próximo. Ainda se trata de uma discussão recente e que precisa ser muito debatida: o espaço da mulher no mundo da Filosofia. O que nos indica que ainda serão necessários alguns anos até que alcancemos um par de igualdade entre os gêneros nesse espaço. Com o intuito de conhecer mais histórias como a de Marilena Chauí, algumas honrosas mulheres na Filosofia foram selecionadas: Heloísa d’Argenteuil, Hipátia, Hannah Arendt, Ayn Rand, Simone de Beauvoir, Martha Nussbaum, Rosa Luxemburgo, Lou Andreas, Salomé, Djamilá Ribeiro, Márcia Tiburi, Sueli Carneiro, Lélia Gonzalez, Gilda de Mello e Sousa, Beatriz Nascimento.

Com o intuito de criar mudanças significativas e duradouras para o futuro, basta apenas começarmos a enxergar aquelas pessoas que são invisibilizadas pela sociedade.



Foto: Raquel Aviani / Secom-UnB

A importância da mulher na religião: Monja Coen

“A sabedoria não vem do acerto, mas sim do aprendizado com os erros.”

Por **Guilherme da Silva de Carvalho**



Foto: Gil Silva/Donna Gente.

Conhecida, hoje, como Monja Coen Rōshi, ou apenas Monja Coen, Cláudia Dias Baptista de Souza é monja zen budista e missionária oficial da tradição Soto Shu, com sede no Japão. Ela nasceu em 30 de junho de 1947, em São Paulo (SP).

Quando criança, estudou em escola pública. Depois, se tornou jornalista e trabalhou no Jornal da Tarde. No período da ditadura no Brasil, viu amigos serem presos e morrerem, chegou a usar drogas e também foi presa, na Suécia. Esse passado surpreende mais ainda quando ficamos sabendo que ela, na prisão, começou a meditar. A partir daí, começou a buscar uma vida pacífica.

Quando já estava no Brasil, optou por morar nos Estados Unidos. Foi lá que descobriu os ensinamentos budistas, cortou os cabelos e (segundo ela, com muita alegria) ganhou alguns quilos. Logo se graduou no Mosteiro Feminino de Nagoya, tornando-se uma monja especial (tokuso), habilitada a ser professora do Dharma Budista de monges, monjas, leigos e leigas.

Foi a primeira mulher e a primeira monja de descendência não japonesa a assumir a Presidência da Federação das Seitas Budistas do Brasil. No Brasil, fundou a Comunidade Zen Budista e tornou-se conhecida por compartilhar todo seu conhecimento de uma forma serena e acessível.

Com uma adolescência rebelde, ela se casou aos quatorze anos, com o ex-piloto de Fórmula 3, Antônio Carlos Scavone. Cláudia ficou grávida aos dezessete anos, brigou e se separou de seu marido. Sua filha, Fábria de Souza Scavone, tem cinquenta e sete anos hoje.



Foto: Gil Silva/Donna Gente.

Dá palestras pelo Brasil, Japão, Portugal e Suíça. É abadessa do templo Taikozan Tenzui Zenji, em São Paulo. Lá, orienta práticas regulares de zazen (meditação), promove leituras e cursos de textos clássicos do zen budismo, forma professores e professoras, realiza casamentos, bênçãos de famílias, organiza práticas infantis, realiza cerimônias fúnebres e liturgias memoriais e liturgias da tradição Soto Zenshu.

Em meio a tantas atividades, ainda arruma tempo para participar de encontros educacionais, culturais e inter-religiosos, para divulgar o princípio da não violência e criar uma cultura de paz, cura da Terra e de todos os seres vivos.

Nas redes sociais

Monja Coen é conhecida mundialmente. Também exerce papel de influenciadora nas mídias sociais e torna os ensinamentos acessíveis às pessoas no seu dia a dia. Com mais de 3 milhões de seguidores em redes sociais, é autora de nove livros.

Entre os vídeos mais acessados, estão: “O que faz uma pessoa mudar?”, “Treinamento da mente e apreciação da vida”, “Como desenvolver amor próprio?”, “Como não se importar com o que pensam sobre você?”, “Como conviver com pessoas que nos fazem mal?” e “Como enfrentar a ansiedade e diminuir o estresse?”.

No canal “Zen do Brasil”, no YouTube, também é possível encontrar e assistir a vários vídeos com ensinamentos da monja.



Foto: Comunidade Zen Budista Zendo Brasil.

Escrever é um dos talentos dela, afinal, foi jornalista. Por isso, não é de se surpreender que tem publicados vários livros, dentre os quais estão: “A sabedoria da transformação” (2014), “108 contos e parábolas orientais” (2015), “O sofrimento é opcional” (2018), “Zen para distraídos” (2018), “A monja e o professor: reflexões sobre ética, preceitos e valores” (2018) e “Carma e castigo” (2021).

Na Rádio Vibe Mundial (FM 97,5), lidera o programa semanal Momento Zen, que é produzido por Nilo André Cruz e tem a parceria de Otávio Leal. No Face Live da rádio, o programa tem audiência em todo o território nacional e em vários países da América Centro, do Norte e do Sul, Austrália, Europa e Ásia.

Fontes:

Wikipedia: [Monja Coen](#).

Casa Vogue: [Conheça Claudia Dias Baptista de Souza - Monja Coen](#).

Revista Claudia: [Monja Coen - Jovem Rebelde](#).

Educação além da sala de aula

Por *Mateus Henrique Trivelato Vieira*

Muitas vezes, quando se pensa na escola, lembra-se apenas dos professores. Entretanto, para que um colégio funcione, há uma equipe bastante grande, que dedica seu dia a dia, seu trabalho, seu suor e seu amor para que famílias e alunos tenham um ambiente apropriado a fim de que a educação aconteça.

Como dizem, a escola é um segundo lar. E como em todo lar não pode faltar a cozinha, na escola também temos uma cozinha. Aqui no Villanueva, ela é administrada por funcionárias que podem ser qualificadas como cozinheiras de mão cheia. Dá até vontade de inscrevê-las no MasterChef! Nesta edição, em homenagem às mulheres, trouxemos uma entrevista feita com nossa querida **Mara Bello**.



1 – Qual o seu nome?

Mara Aparecida Bello.

2 – Há quanto tempo você trabalha aqui no colégio?

Agora em março, faz vinte e sete anos que trabalho no Villanueva.

3 – Ficamos sabendo que os professores elogiam muito tudo o que você faz aqui e amam o seu tempero. Como é para você o seu trabalho aqui em nosso colégio?

Eu agradeço os elogios. Meu trabalho é muito prazeroso.

4 – E como começou esse amor pela cozinha?

Quando entrei no colégio, comecei a trabalhar na parte da frente, onde fica a secretaria, a sala dos professores e toda a parte da frente. Fiquei trabalhando lá por sete anos, aí surgiu a oportunidade de ir para a cozinha.

5 – Quando você decidiu trabalhar em uma escola estadual, você já planejava que fosse na cozinha?

Não planejava, tudo ocorreu com o tempo.

6 – Quais são os tipos de alimentos que você mais gosta de cozinhar para os estudantes do Colégio?

Gosto de manusear todos os alimentos, mas sempre tem os mais preferidos dos nossos alunos: arroz, feijão, carne, salada, macarronada, bolo com brigadeiro. Eles gostam bastante.

7 – Qual é a sua rotina aqui no Villanueva?

Chegamos às seis da manhã, já vamos colocando a mão na massa, pois, às dez horas, a merenda já deve estar pronta para servir. Em seguida vamos, dar início à merenda do turno da tarde.

8 – Gostaríamos que você passasse para nós uma receita de um prato que você mais gosta de preparar e comer.

Tem muitos pratos que gosto bastante de preparar e comer também, mas vou passar a receita de um bolo de chocolate que os alunos adoram.



Tia Luci e Mara Bello.

Bolo de Chocolate da Mara

Para uma receita vamos precisar de:

- | | | |
|-----------------------------------|------------------------------|-----------------------|
| 3 ovos. | 1 xícara de açúcar. | 1 xícara de óleo. |
| 2 xícaras de leite morno ou água. | 1 xícara de chocolate em pó. | 2 xícaras de farinha. |
| 2 colheres de fermento em pó. | | |

Bata no liquidificador os ovos, o açúcar e o óleo, até formar um creme. Coloque em uma forma untada e leve ao forno até ganhar consistência. Em seguida, coloque o leite morno ou, se preferir, água. Acrescente a xícara bem cheia de chocolate em pó e coloque farinha até dar o ponto. Por fim, acrescente as duas colheres de fermento em pó. Bata tudo no liquidificador.

Brigadeiro:

- | | | |
|--------------------------|------------------------------|--------------------|
| 2 colheres de margarina. | 3 a 4 colheres de chocolate. | ½ xícara de leite. |
| 2 colheres de açúcar. | | |

Coloque no fogo a margarina, o chocolate e o leite. Se preferir mais doce, coloque as 2 colheres de açúcar ou até mesmo leite condensado. Deixe ferver até dar ponto. Simples e delicioso!

Protagonismo feminino na Gestão Escolar

Por **Gessiely A. Sperandio**

Responsável pela gestão financeira de nosso colégio, nossa querida Sandra é exemplo de competência e de um trabalho sério, honesto e responsável.



1. Por favor faça uma pequena apresentação. Diga-nos seu nome e sua formação acadêmica.

Sandra Maria Santana. Formada em Ciências Contábeis e pós-graduada em Gestão Educacional.

2. Há quanto tempo trabalha aqui no colégio e qual sua função atualmente?

Trabalho no Colégio Villanueva, desde fevereiro de 2006. Sou Agente Educacional II (técnica administrativa) e atualmente exerço a função de técnica auxiliar de Prestação de Contas.

3. Já atuou em outro cargo aqui na escola?
Sim, no início, na biblioteca e secretaria.

4. Quais são os maiores desafios do seu trabalho?
Devido a ser uma função que lida com os recursos financeiros (estadual e federal) recebidos pelo Colégio, exige muito comprometimento e responsabilidade na execução, pois se trata de recursos (dinheiro) recebidos e que, se não forem geridos de acordo com todas as normas e exigências, pode prejudicar o recebimento dos recursos futuros. As dificuldades são muitas, a burocracia é muito grande, pois cada programa tem a sua especificidade e legislação. A execução de qualquer programa exige no mínimo três orçamentos de fornecedores/empresas devidamente regularizadas. Sendo essa uma das maiores dificuldades, o que acaba dificultando e adiando a aquisição de algum produto

ou serviço e, às vezes, até impossibilitando essa execução.

5. Qual parte das suas funções você gosta mais?

Gosto mais da finalização, após toda a burocracia do processo, até obter os três orçamentos e, daí sim, partir para a fase da execução em si.

6. Quanto ao papel da mulher na atualidade, quais mudanças você acredita que foram positivas para incentivar o protagonismo feminino?

Foram inúmeras as mudanças positivas que incentivaram o protagonismo feminino. Acredito que todas elas têm uma grande importância no decorrer de todo esse processo, que ainda tem muito a avançar. Foram inúmeras lutas: direito de estudar, de receber salários justos, direito ao voto, dentre tantas outras. Foi um processo lento e gradual de conquistas sociais, econômicas e jurídicas, no qual ocorreram mudanças que permitiram à mulher sair da condição de submissão. O ponto de partida foi o momento em que mulheres passaram a ter consciência de seus direitos, mas isso não é suficiente, a luta ainda é grande, principalmente, em relação ao mercado de trabalho, em que ainda é preciso haver mais mudanças, uma transformação estrutural. Mas, mesmo tendo a necessidade de mais mudanças, o que importa é que na atualidade as mulheres têm empoderamento e já são protagonistas na sociedade.

7. Como você se organiza cotidianamente como esposa, mãe e profissional?

Não é nada fácil desempenhar essas três funções, mas, como já se sabe, a mulher é polivalente, é como uma impressora multifuncional, que possui muitas e variadas possibilidades e funções e as realiza sozinha. Assim, somos nós mulheres... temos tamanha força que nos permite executar várias coisas ao mesmo tempo. Dessa forma, com muita força, garra e determinação, conseguimos ser esposas, mães e profissionais.

8. Que conselho você daria para incentivar nossas alunas a crescer no ramo profissional?

Em primeiro lugar, estudem, corram atrás e busquem realizar seus sonhos. Nunca permitam que ninguém diga que vocês não são capazes de conquistar ou realizar qualquer coisa que seja. E independentemente das escolhas que vocês fizerem para suas vidas, que sejam as **suas escolhas**.



O protagonismo da mulher na construção da História de Rolândia

Por **Livia Vitória Lopes**

Falar da história de Rolândia é falar da Professora Claudia Portellinha. Além de educadora, é historiadora e escritora. Em 2003, a Professora Cláudia lançou uma obra importante sobre o nascimento de nossa cidade.



1. Qual é a sua formação acadêmica?

Cursei o primário e o ginásio na Escola Pública, em Rolândia. Fiz a Escola Normal (Escola que qualificava jovens para ser professor), na cidade de Londrina. Sou graduada em História pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Londrina.

2. Você enfrentou alguma dificuldade na sua carreira, exclusivamente, por ser mulher? Se sim, qual foi a maior?

Nunca sofri discriminação, muito pelo contrário, nas décadas de 1950, 60 e 70, a maioria dos professores que atuavam nas escolas eram leigos, isto é, não possuíam formação específica para o cargo. Assim sendo, quando me formei na Escola Normal, logo fui chamada para ocupar o cargo de Inspetora de Ensino, na cidade de Lobato. Depois, eu e minha irmã, Lucília, fomos convidadas pelo Prefeito de Guaíra para dirigir a recém-criada Escola Normal daquela cidade. Naquela época, professores eram tratados com muita consideração, tanto pelos alunos, como pela sociedade em geral.

3. Em um campo predominantemente masculino, você teve alguma mulher como inspiração? Se sim qual e por quê?

A minha profissão é professora: campo predominantemente feminino. A inspiração foi sem dúvida minha mãe, mulher guerreira, que soube criar seus filhos com muito amor, incentivando-os ao estudo e ao caminho do bem. Vibrava com nossas conquistas.

4. Qual é a importância de se ter mais mulheres na área da História?

Quanto mais pessoas se debruçarem ao estudo e à pesquisa histórica, maior será o conhecimento e a contribuição de

diferentes olhares.

5. Você sofreu com algum tipo de preconceito por querer seguir uma carreira acadêmica?

Havia muitas dificuldades, naquela época, para as moças estudarem. A distância dos centros acadêmicos, a falta de transporte público, as estradas ruins contribuíam para que as famílias não incentivassem as meninas a continuarem seus estudos. Porém, os meus pais tinham como prioridade os estudos dos seus filhos. Meu pai poderia ter comprado muitas terras longe da cidade, mas ele resolveu ficar com uma área menor de terras próxima à cidade, justamente pensando na viabilidade dos filhos irem para a escola.

6. Você acredita ser menos reconhecida em sua carreira por ser mulher?

Na realidade, creio que todo bom professor, independentemente de ser mulher ou homem, é bem reconhecido, tanto por seus alunos como pela sociedade em geral.

7. Você teve apoio quando escolheu seguir essa carreira? Esse apoio foi importante?

Sim, o apoio veio dos meus pais. Eles acreditavam que a melhor forma de ajudar seus filhos seria por meio da educação, tanto a educação feita no lar como a educação acadêmica.

8. Você acredita que ser mulher trouxe alguma limitação para sua carreira?

O fato de ser mulher, casada e mãe de três filhos e lecionando, certamente me impediu de fazer curso de pós-graduação, isso porque, na época esse tipo de curso só existia nas capitais, contudo, não me arrependo de não ter realizado uma pós, pois minha família sempre vem em primeiro lugar.

9. Fale-nos um pouco sobre as suas publicações. Por que escolheu falar da história de Rolândia?

Escrevi três livros: o primeiro foi sobre Rolândia, o segundo, no qual fui colaboradora no livro, sobre a História dos Alemães no Paraná e o terceiro foi a história da minha família. O livro **“Aspectos Históricos de Rolândia”** é abrangente. Fala desde os primeiros tempos até a atualidade. No livro **“180 Anos da Imigração Alemã no Paraná”**, escrevi a história dos alemães em Rolândia. Quanto ao histórico da minha família, **“Família Portellinha”**, foi uma pequena tiragem, somente para os familiares.

10. Você gostaria de dar algum conselho para as meninas e mulheres que, assim como você, querem seguir a carreira acadêmica?

Sim, meu conselho é: **“Siga em frente! Por maiores que sejam as dificuldades, nunca abandonem seus sonhos”**. É através do estudo que nos tornamos autossuficientes e que as portas se abrem.



Lançamento da obra “Aspectos históricos de Rolândia”.

A sensibilidade da mulher na Medicina

Por **Marcelo C. Acri**

A Doutora Roseli é um grande exemplo de profissionalismo, dedicação e seriedade, quando se trata da saúde física, psicológica e emocional de seus pacientes. Além de ser uma mulher culta, simboliza a força feminina no dia a dia e constrói um exemplo de representatividade para outras mulheres.



1. Fale um pouco sobre você, sua profissão e seu trabalho.

Meu nome é Roseli, sou médica, especialista em reabilitação. Trabalho em Londrina, em uma UBS, como clínica geral e tenho um consultório na mesma cidade, há vinte e sete anos.

2. O que a levou a escolher essa profissão?

Não sei bem o que me levou a escolher a Medicina. Talvez tenha sido uma doença contagiosa que tive aos dois anos de idade, tendo ficado isolada por trinta dias num quarto, mas não tenho certeza. O que me lembro é que, aos dez anos já, sabia o queria ser quando crescesse.

3. No dia a dia, quais são as suas funções?

Na UBS, atendo pacientes adultos e crianças, ouvindo suas queixas, examinando, solicitando exames e tentando melhorar suas angústias e doenças. No consultório, procuro resolver as patologias para as quais me procuram da melhor forma possível.

4. Quais são as suas inspirações?

Minhas inspirações, no momento, são apenas fazer o meu trabalho da melhor forma possível, ajudando aos que me procuram com medicamentos, apoio psicológico ou apenas palavras de conforto.

5. Sua profissão é mais uma das inúmeras profissões em que há mais homens que mulheres. Quais dificuldades você enfrentou ou enfrenta por ser mulher?

Atualmente, já são 50% de homens e mulheres. Há trinta e três anos, quando me formei, o número de mulheres já era grande. Não posso dizer que sofri nenhum preconceito por ser mulher. Talvez, tenha sofrido mais por ser da periferia e não ter o padrão de vida de outros alunos da turma.



6. No dia a dia, em seu trabalho, você lida com mulheres que precisam de auxílio por causa dos problemas existentes na sociedade brasileira, que é evidentemente machista. O que você pode falar sobre isso?

Nesses casos, procuro fazer uma escuta ativa do problema da mulher e um aconselhamento médico, psicológico e até jurídico do caso, quando é necessário.

7. Como você vê a mulher no mundo de hoje, principalmente, no Brasil?

Ainda vejo que há discrepâncias entre homens e mulheres, principalmente, em nível salarial nos cargos de menor escolaridade. Nos cargos públicos ou privados de maior escolaridade, não vejo essa diferença. Entretanto, culturalmente a mulher ainda é mais cobrada no sentido de ser mãe, esposa, dona de casa e profissional, o que faz com que o cotidiano da mulher seja mais pesado que o do homem.

8. Na sua opinião, como você e outras mulheres em sua área podem contribuir para o empoderamento feminino?

Sempre conversando e, quando possível, aconselhando as adolescentes e mulheres que nos procuram a estudar, trabalhar e assumir o seu lugar no espaço.



Exemplo de mulher na Universidade

Por **Sofia Vitória Lopes**
e **Cecília Valentine de L. Carreiro de Souza**

O objetivo de todos os educadores é realizar os sonhos de seus educandos e é claro que, como profissionais graduados, incentivamos nossos alunos e alunas a ingressarem no ensino superior, ou seja, a ir para a universidade. A **Luana Alves**, nossa entrevistada, foi uma aluna atuante e se destacou por sua educação e por buscar se destacar nos estudos. Não podemos nos esquecer de sua irmã gêmea, **Larissa Alves**, que também construiu uma história muito linda em nosso colégio. Nos sentimos muito orgulhosos por acompanhar a caminhada que estão fazendo na vida. Convidamos a **Luana** para falar um pouco de sua história e sua visão sobre o protagonismo feminino.



1. O que inspirou você a ser biomédica?

O que me inspirou foi eu gostar muito de CSI (a série de TV), então, queria trabalhar com perícia e a Biomedicina me proporcionaria isso. Além de eu gostar muito de Biologia.

2. Algum professor te inspirou na escola?

Na escola, quem me inspirava eram professoras que tive de Ciências, Química e Biologia. Desde o 7º ano até o ensino médio, tive muita sorte de ter aulas com elas. Não sei se posso citar nomes, mas, de Química, era a professora Maria de Lourdes; Ciências, era a Meire; e, de Biologia, a Renata.

3. Por você ser uma mulher, enfrenta dificuldades no curso?

Na verdade, mulher é o que mais tem no curso. (risos) Não é uma área que tem muitos homens e não sei explicar o motivo, diferente de Agronomia.

4. Ser biomédica sempre esteve em seus planos ou pensava em algo diferente?

No 2º ano do ensino médio, eu pretendia cursar Ciências Sociais e me especializar em Antropologia. Porém, eu queria uma novidade, algo que me fizesse sempre estar pesquisando, aprendendo mais... O curso de Ciências Sociais me ofereceria, mas ainda não era o que eu queria. E então percebi que queria saber mais sobre mim. E qual curso melhor explicaria sobre mim do que um que me mostra a fisiologia do meu organismo, minhas estruturas, minha origem genética etc.? Então, minha amiga me falou da Biomedicina, em que eu poderia aprender sobre mim e trabalhar com perícia.

5. Teve alguém que disse que você não conseguiria? E alguém que te motivou a continuar?

Na vida, sempre vai haver alguém que não confia no seu potencial. E, para isso, eu me preparei psicologicamente para não fraquejar e seguir com o meu objetivo. Meu pai sempre me apoiou em tudo e, desde pequena, me motivava a estudar. Foi muito importante eu tê-lo, principalmente.

6. Como você vê o machismo?

Vejo o machismo como meio para a mulher continuar sendo “sub”: subgênero, subsalário, subprofissional, subcompetente e sub-etc. É algo que não tolero escutar.

7. Hoje, você gosta do que faz?

Hoje, eu gosto da escolha que fiz. Não me imagino sendo mais feliz em outro curso e tenho orgulho de até onde cheguei, sendo negra, de escola pública, que não abaixou a cabeça. E uma das primeiras da minha família (se Deus quiser!) a se formar em nível superior na Universidade Estadual de Londrina.

8. Que conselho você daria para as alunas do nosso colégio em relação à carreira profissional?

O conselho que vou dar é: na hora de escolher um curso, não pense no salário de quando for profissional, não pense em qual profissão daria mais orgulho para sua família. Pense em algo que te agradaria trabalhar para o resto da vida. Com você gostando do que faz, fará bem feito e será referência dentre tantos outros profissionais da área e receberá um salário digno de todo seu esforço e da sua paixão pela profissão que escolheu pensando em você mesma.



A força da mulher na administração de uma empresa

Por *Elias Murgi Neto* e *Rafael de Aquino Nieto*

Forte, guerreira, inteligente, culta e que deixou saudade em nosso colégio: essa é a Dani Bizetto. Sem esquecer que tem muito bom gosto: ama de paixão “O Pequeno Príncipe”, de Antoine de Saint-Exupéry. Uma pessoa que, mesmo não lecionando, deve ser chamada de professora, pois ensina muito com exemplos, palavras, atitudes e forte representatividade.



1. Conte-nos um pouco sobre você, sua formação e história de vida.

Bom, sou Daniela Bizetto, tenho 40 anos, sou casada e tenho um cachorro chamado Flint (um vira-lata caramelo que resgatamos, machucado em uma viagem, e trouxemos para casa). Minha primeira formação foi em Pedagogia. Na época era permitido (devido à carga horária de aulas que tive na faculdade) que lecionasse Filosofia e Sociologia. Foi a época que mais comprei livros na vida (risos). Precisava entender como prender a atenção dos alunos, especialmente com Filosofia (desenvolvi um amor tremendo pela Filosofia). Passado algum tempo, só podiam lecionar essas disciplinas aqueles que tinham formação específica. Então resolvi fazer Filosofia. Em 2013, minha sogra descobriu que tinha doença celíaca. E, na época, não podia comer quase nada. Foi aí que comecei a pesquisar sobre inclusão alimentar. E me encantei por essa área.

2. Você foi professora de Filosofia, aqui no Colégio Villanueva, e, hoje, é empresária. Qual atividade é a sua preferida?

Trabalhei em vários colégios aqui, em Rolândia, incluindo o Villanueva (onde passei mais tempo). Hoje, continuo dando aulas e sou empresária também. Não consigo dizer qual a minha atividade preferida, pois, em ambas eu aprendo e ensino. E em todas as etapas das duas existem desafio, amor e dedicação.

3. Como foi sua experiência como professora no Colégio Villanueva?

Trabalhar no Villanueva para mim foi uma experiência indescritível. Me senti acolhida e amparada pelo colégio desde o primeiro momento. Fiz muitas amizades, que levo até hoje, tenho desenhos e cartinhas, que recebi ao longo dos anos dos meus alunos. O Villanueva me ensinou que, com paciência, otimismo e dedicação, é possível que as pessoas e lugares se desenvolvam e se tornem melhores.

4. Qual foi a pessoa que mais lhe influenciou a seguir a carreira de empresária?

Sempre tive um “espírito empreendedor”. Desde os meus

quinze anos, já vendia cosméticos por catálogo, vendi roupa, semijoias, enfim, sempre gostei. A carreira de “empresária” acabou sendo a formalização do que já vinha fazendo em casa. Eu fazia pães e bolos sem glúten no período em que não estava na escola. Fazia por encomenda. Algumas pessoas vinham buscar em casa e para outras eu saía entregar. E sempre ouvia que eu tinha que ter meu próprio espaço. Até que, em uma conversa descontraída, uma amiga olhou para mim e disse: Vamos abrir uma loja? Você tem talento. E a primeira coisa que respondi foi: “Tá doida?!” (risos). Então, ela, minha amiga, Ticiane, e hoje sócia, foi minha mola propulsora. E, hoje, empreendemos e aprendemos juntas.

5. Quais foram as maiores dificuldades que você sofreu para chegar onde você está atualmente?

Durante todo o processo, as dificuldades sempre estiveram presentes. Existiu o cansaço, o desânimo, a falta de apoio. Enfim, considero que as dificuldades fazem parte de toda construção. Seja ela pessoal ou profissional. E cabe a nós decidir e entender cada uma delas. E, se não damos conta delas sozinhas, sempre existirão pessoas dispostas a nos ajudar.

6. Como você se sente no mês da mulher?

No mês de março, temos várias ações voltadas para a valorização da mulher. É um mês dedicado à reflexão sobre a importância da mulher nos dias atuais. Eu gostaria que toda essa fala sobre respeito, igualdade, importância e valorização não ficasse presa apenas a uma data. E que toda fala emitida sobre a nossa importância e valorização e, principalmente, o respeito, se tornasse realidade todos os dias.

7. Por você ser mulher, já sofreu algum tipo de discriminação?

Sim, já sofri discriminação. São incontáveis as situações sofridas em trânsito, rua e ambiente de trabalho.

8. Fale-nos um pouco sobre a sua vida como empreendedora.

Empreender não é tarefa fácil. Aliás, nada em nenhuma área é fácil. Dou muito risada quando as pessoas falam sobre o “glamour” de empreender! Nunca trabalhei tanto em toda minha vida! (risos) Empreender exige coragem, tempo, paciência, pesquisa, dedicação e criatividade. É estar atento às novidades, ter hora para entrar, mas não para sair. Perder noites de sono, pensando em estratégias que podem fazer o meu negócio alavancar. Errar muito e aprender com os erros. Empreender é um risco que assumi. Tenho uma rede de apoio para dar conta de fazer tudo o que faço hoje. E conto, especialmente, com mulheres para me socorrer nos “perrengues” diários: mãe, irmã, amigas, sócia e parceiras.

9. A pandemia afetou de alguma forma os seus ganhos financeiros?

Nós começamos a planejar em janeiro de 2020. Abrimos o Empório em setembro de 2020. Numa época de tensão, incerteza, medo e insegurança. Mas também uma época e que as pessoas começaram a se preocupar mais com saúde e alimentação. Foi um período de pouco ganho e muito trabalho, porque precisava que as pessoas conhecessem o nosso trabalho. Então, é difícil mensurar perdas e ganhos. O começo é sempre difícil e desafiador.

10. Na sua opinião, qual é o papel da mulher no mundo hoje?

Hoje, a mulher divide os mesmos espaços com os homens. Estamos em um momento histórico, no qual é oportuno demonstrar que somos plenamente capazes de alcançar todos aqueles objetivos e realizações outrora reservados ao gênero masculino. Se posso indicar uma música que, para mim, define mulher, é “Maria, Maria”, do nosso querido Milton Nascimento, interpretada pela nossa saudosa e grande mulher, Elis Regina. É sobre força, garra, determinação, persistência, inspiração e fé.



O destaque da mulher na Odontologia

Por *Mateus Henrique Trivelato Vieira*
e *Bianca de Souza Pires*

A beleza de uma pessoa não está somente no seu exterior, sabemos bem disso, afinal, é preciso haver empatia, respeito, confiança e humildade para que uma amizade surja e se mantenha. Mas a beleza exterior contribui para a autoestima. Não como forma de satisfazer o outro, porém, como forma de se sentir bem consigo mesma. Nossa entrevistada é uma profissional que lida com algo mais além de um belo sorriso: lida com amor-próprio, autoestima e autovalorização.



1. Qual seu nome e formação acadêmica?

Meu nome é Daisy Karina Batista, sou Cirurgiã Dentista, formada pela Universidade do Norte do Paraná (UNOPAR), e pós-graduada em Ortodontia e Ortopedia Funcional dos Maxilares, pela UNINGÁ.

2. Há quanto tempo trabalha na área?

Terminei a faculdade em 1999 e iniciei minha carreira no ano 2000, já no meu consultório.

3. Como é trabalhar na área de Odontologia?

Para eu trabalhar na Odontologia é muito gratificante, na verdade, é a realização de um sonho.

4. Quais procedimentos você realiza?

Realizo todos os procedimentos de clínica geral, dou ênfase à ortodontia e estou iniciando com procedimentos de harmonização orofacial.

5. Foi difícil sua jornada até aqui? Qual foi seu maior desafio?

Acho que, como em qualquer profissão, na Odontologia também existem desafios. É preciso persistência e dedicação

diária, para conseguir o reconhecimento profissional. É desafiador reconhecer e realizar o desejo do sorriso perfeito em cada paciente individualmente, mas é muito gratificante quando percebo que consegui devolver a autoestima de poder sorrir.

6. Você é dona da sua clínica ou trabalha coletivamente com outros profissionais?

Sou dona da minha clínica, já trabalhei com Odontologia pública. Hoje, estou montando uma equipe de profissionais, para trabalharmos juntos, cada qual com sua especialidade.

7. Já enfrentou algum preconceito por ser mulher na sua linha profissional?

Desde a faculdade, percebo que a Odontologia é uma profissão dominada pelas mulheres, éramos a maioria em sala de aula, e vejo que as mulheres são grandes destaques nessa área. Portanto, nunca sofri com esse tipo de preconceito. As mulheres são muito bem reconhecidas profissionalmente na Odontologia.

8. Você se inspira ou já se inspirou em alguma mulher?

Sempre admirei mulheres empreendedoras, que são independentes e realizadas profissionalmente. Coloco minha profissão nas mãos de Maria, a Mãe de Jesus, que cobre com seu manto sagrado todas as mulheres que a Ela recorrem.

9. Na sua opinião, qual é o maior problema que as mulheres sofrem na sociedade?

Infelizmente, ainda nos dias de hoje, a sociedade desvaloriza o trabalho de algumas mulheres, que não têm o mesmo reconhecimento que os homens, sofrem com discriminação em algumas profissões consideradas masculinas. Ainda há muito o que ser melhorado quanto a isso.



Poder, motivação, liderança e desenvolvimento: a mulher na Tecnologia

Por **Hugo Rian Bezerra da Conceição**

Em muitas profissões, a mulher demonstra ter qualidades essenciais, como ser calma, detalhista e sensível para questões importantes nas funções que exerce. *UX/UI Design* é uma área que exige essas e muitas outras qualidades, conhecimentos e habilidades que Beatriz, nossa entrevistada, demonstra ter.



1. Você poderia dizer seu nome e qual a sua formação acadêmica?

Beatriz Gonçalves, formada em Engenharia da Computação.

2. O que um profissional de Tecnologia da Informação faz?

A resposta para essa pergunta é bem ampla, pois, hoje, o mercado de tecnologia oferece várias opções. Seria difícil definir uma única função ou tipo de cargo. Acredito que o que todos nós temos em comum é o contato com a tecnologia e o desenvolvimento ou manutenção da mesma, podendo ser desde um software até uma máquina física.

3. Qual a sua função na área?

Hoje, trabalho como Designer de Experiência do Usuário e de Interface. No mercado, esse cargo fica abreviado como UX/UI Designer. Minha função é conhecer a realidade do usuário que utiliza o produto da empresa para a qual trabalho. Saber como é seu dia a dia, sua rotina, suas metas, objetivos, desafios, dores etc., e com as demais pessoas da equipe, pensar em um produto (no meu caso um *software* ou aplicativo) que vai atender às suas verdadeiras necessidades. Depois desse processo, sou responsável por desenhar em alta fidelidade como deve ser a interface desse produto e compartilhar isso com a equipe técnica, que irá programar e “materializar” essa funcionalidade. Nossa meta é sempre resolver um problema existente no mundo real.

4. Quando você começou a se interessar pela área? Por quê?

Pela área de tecnologia em si, foi durante o ensino médio.

Quando estava no 2º ano, recebemos uma visita do SENAI, apresentando o programa do Pronatec (programa do governo que oferece bolsas em cursos técnicos para pessoas de baixa renda) e os cursos disponíveis para os alunos. Na época, tinha o curso Técnico em Informática e decidi me matricular. Quando me matriculei, pensei que iria aprender a formatar computadores e dar esse tipo de manutenção “física”, porém, descobri um universo completamente novo na tecnologia, sendo o desenvolvimento de sistemas. No curso, vimos programação, gerenciamento de banco de dados, documentações técnicas e várias outras matérias relacionadas ao assunto. Concluí o curso junto ao ensino médio (um ano e meio de curso) e decidi me aplicar a faculdades na área, pois sabia que o mercado de trabalho era mais promissor.

5. Há quanto tempo você atua no setor de TI?

Faz sete anos que comecei no mercado de trabalho. Quando estava no segundo ano de faculdade, consegui um estágio e desde então venho trabalhando em empresas do ramo. No cargo que estou hoje, atuo há quase cinco anos, sendo que também comecei como estagiária.

6. Quais foram os impactos trazidos pela pandemia para sua profissão?

Em relação ao mercado de trabalho, diria que ficou mais aquecido. Com o distanciamento social e também a automação de algumas funções, o ramo de tecnologia ampliou ainda mais sua atuação. Muita coisa foi substituída por uma máquina. Por exemplo, alguns meses atrás, estávamos fazendo compras de supermercado via aplicativo e muita gente continuou com esse hábito. A pandemia fez com que as pessoas se acostumassem ainda mais com a tecnologia e passasse a confiar mais nela. O efeito disso, no mercado de trabalho, foi a criação de mais vagas, salários mais competitivos, tipos de indústrias/produtos diferentes com que você pode trabalhar. Tudo ficou mais diverso. Em relação à “rotina de trabalho”, a principal mudança veio com a introdução do *home office*. Desde o início da pandemia, estou trabalhando de casa e a empresa já oficializou esse novo formato de trabalho. Trabalhar de casa facilita bastante a rotina e economiza tempo. Outro ponto positivo, olhando para o mercado de trabalho, é que, como várias empresas também adotaram esse modelo, você pode trabalhar para uma empresa de qualquer lugar do mundo.

7. O que você pensa da mulher na área da tecnologia? Você poderia citar as dificuldades enfrentadas por você por ser mulher?

Acredito que tecnologia também é lugar para mulher. Na verdade, se você olhar a história, verá que as primeiras programadoras que existiram eram mulheres. Porém, com o tempo, a atuação de mulheres no ramo foi diminuindo cada vez mais. No mercado de trabalho, principalmente. A relação é bem simples, se temos poucas mulheres em cursos universitários relacionados à tecnologia, por consequência, veremos poucas mulheres atuando no mercado de trabalho. Quando mais na base (mais novas) divulgarmos para as mulheres as possibilidades no ramo de tecnologia e investir em sua educação, mais chances temos de quebrar esse movimento.

Sobre as dificuldades, sendo sincera, ainda existe machismo na área. Muitas empresas deixam de contratar mulheres, principalmente programadoras, por pensar que elas não conseguem manter o mesmo ritmo que o homem ou se adaptar a um ambiente majoritariamente masculino (o que faz com que o local de trabalho continue não diverso).

Essa falta de compressão com a mulher às vezes gera alguns olhares, comentários preconceituosos etc. A falta de mulher na área também dificulta em você olhar para o lado e saber até onde consegue chegar. Por exemplo, se não vejo mulheres que estão em posição de liderança, às vezes, penso que esse não é um lugar que é possível de eu atingir ou um caminho que consigo

trilhar.

Mulheres também sofrem muito com a “síndrome do impostor”, se autossabotando como profissionais, pensando que não são boas o suficiente e sendo extremamente autocríticas. Existe um estudo que diz que as mulheres dificilmente se aplicam a uma vaga se elas enxergam que não atendem a todos os seus pré-requisitos, enquanto homens não possuem essa preocupação e se arriscam mais. Nessa, muitas vezes mulheres boas deixam e ocupar cargos que seriam perfeitamente capazes de desempenhar.

8. Você acredita que há uma idade perfeita ou idade limite para ingressar na área?

Não acredito, porém, vejo uma dificuldade de pessoas mais velhas ingressarem na área sem experiência prévia. Acredito que isso não é diretamente relacionado à idade, mas sim à exigência de certo nível de conhecimento ou experiência que empresas buscam para os cargos.

9. Você poderia deixar um conselho para as pessoas que desejam entrar nesse ramo profissional, principalmente para as mulheres, nesse mês tão especial?

Você é capaz! Não existe nada nessa área que as mulheres também não possam aprender e desempenhar, basta se dedicar. Se você olhar para o lado e não enxergar alguém como você, não desista, uma hora vai dar certo. Não se preocupe com comentários e preconceitos que possam existir. Busque por um ambiente onde você é respeitada e também busque ter uma rede de apoio. Isso é algo que ajuda bastante, ter um líder, gestor, professor que acredita no seu potencial e pode te ajudar a abrir caminho. Tenha paciência com algumas situações que possam surgir no caminho e sempre busque expressar quando algo não é legal. Às vezes, você será uma das primeiras mulheres em seu local de trabalho, tente encarar isso como sendo uma oportunidade para abrir caminho para outras mulheres (se o ambiente te fizer bem, é claro) e seja paciente, pois mudanças culturais levam um tempo para começar a surtir efeito.

É uma área muito promissora com ótima remuneração, mas, muitas vezes, no começo, também temos que aceitar determinadas vagas para conseguirmos experiência (isso vale para qualquer um, tanto homem quanto mulher). Seja paciente e aproveite cada oportunidade que tiver. Se você decidir fazer uma faculdade na área e for possível, não deixe de fazer estágios durante o período de graduação. Será nesses momentos que você vai aprender realmente na prática e conseguir explorar o leque de profissões que a tecnologia oferece.

Se você deseja entrar no mercado de trabalho, não é necessário fazer cursos muito teóricos. Investir em cursos mais práticos como Análise de Sistemas, Engenharia de Software, cursos técnicos ou até de escolas como a Trybe são mais que suficientes. Existe muito material on-line também, basta dar uma pesquisada. Além disso, procure por comunidades que oferecem cursos ou um bom networking, algumas sugestões específicas para mulheres: Programaria, Mulheres de Produto, Women Tech Makers, Ladies That UX.

10. Na sua opinião, como a mulher contribui para a área de TI e como a área de TI contribui para o protagonismo feminino?

Mulheres possuem uma tendência em serem mais detalhistas, atenciosas e críticas. Isso vai se traduzir na qualidade do seu trabalho. As experiências únicas da vida da mulher também vão trazer um novo ponto de vista, uma nova forma de interpretar situações e, principalmente, novas ideias para o ambiente de trabalho e desenvolvimento de um produto.

A força da mulher na Dança

Por Willian Augusto Costa da Silva

Misteriosa e símbolo de feminilidade: assim é a dança do ventre. Dizem que surgiu no Egito, quando a sociedade era ainda matriarcal, e que simbolizava agradecimento pela fertilidade das terras e da mulher. Hoje, representa a força da mulher. Convidamos a dançarina e coreógrafa para falar um pouco sobre essa arte e sobre como protagoniza a força da mulher.



1. Qual é o seu nome e a sua formação?

Me chamo Daniele Zago. Posso formação em Educação Física e mestrado em Exercício Físico na Promoção da Saúde. Além dessas formações acadêmicas, até o presente momento, possuo 75 cursos de formação complementar e workshops.

2. Explique para nós o seu amor pela dança e o que fez você escolhê-la para a sua vida.

Meu primeiro contato com a dança foi aos três anos de idade, quando meus pais me colocaram no ballet. Durante a minha infância e adolescência, tive a oportunidade de praticar dança de salão, danças livres, teatro e ginástica artística. Conheci a dança do ventre em 2008, aos 19 anos. Foi amor à primeira vista. Após um ano, entendi que era aquilo que eu queria para a minha vida.

3. Como é a sua profissão?

Atuo profissionalmente como professora, bailarina e coreógrafa. Ministro aulas regulares para nível iniciante ao profissional, em grupo ou particulares, dou workshops e cursos. Faço shows em eventos como casamentos, jantares e em festivais específicos de dança. Crio coreografias para meus grupos de alunas, meus solos, também coreografo para outras bailarinas.



4. Você já se apresentou em algum concurso de dança? Já ganhou alguma premiação?

Desde 2015, tenho estado regularmente em diversos festivais de dança do ventre de diversas cidades e estados, ministrando workshops, fazendo participações em shows e participando de competições. Possuo diversos prêmios como bailarina solista, duo e com os meus grupos de alunas.

5. Você nota o impacto da dança do ventre em suas alunas? Qual é a sensação que você tem em relação a transmitir um pouco dessa forma de expressão a elas?

A dança atua de diferentes maneiras em cada uma delas, vejo mulheres que passam a respeitar mais umas às outras, desenvolvem laços de amizade, expressam mais amor-próprio, se observam no espelho de uma diferente maneira, desenvolvem amor pela arte, pela música árabe, história, folclore. O impacto da dança do ventre nas minhas alunas é algo que me motiva diariamente.

6. Quais são os obstáculos da mulher na dança? Você sofre com estereótipos relacionados à dança do ventre?

Existem muitos obstáculos. O primeiro deles é a ideia que a população leiga possui da dança do ventre, aquele estereótipo de que é algo para ser dançado para um homem, que é algo fácil de fazer, “é só rebolar”, a ideia totalmente equivocada gerada pela mídia e pelo imaginário de cada um. Quando, na realidade, é uma dança muito profunda que exige muito estudo prático e teórico. Outro ponto é que a arte, em qualquer uma de suas expressões, é muito difícil de ser vivida e difundida no Brasil. Precisamos desenvolver mais amor pela arte, observar suas expressões, respeitar, conhecer e isso não é algo tão simples de se fazer. Outro fator complicador é que muitas pessoas não entendem a dança como uma profissão, não respeitam. Já escutei inúmeras vezes frases como: “Mas, além de dançar, você trabalha com o quê?” (dança é trabalho!) ou “Vem dançar de graça no meu evento que eu divulgo seu trabalho” (eu tenho contas a pagar!).

7. Na mídia e em contos, filmes ou novelas, de vez em quando, temos abordagens com a dança do ventre. Você acha que é necessário se falar mais sobre a dança do ventre nessas obras?

A dança do ventre é pouco abordada na mídia, em filmes e novelas, mas, em geral, quando acontece, é sempre de uma maneira superficial e prejudicial, reforçando a ideia de que a dança é para ser feita para um homem. Não que não possa ser, pode, mas essa não é a sua finalidade. Eu não conheço nenhuma bailarina profissional que tenha dançado para um homem e me incluo nessa lista. Então, o que falta é uma abordagem real do Oriente Médio, das suas músicas, cultura, dança do ventre e folclores.

8. Daniele, quais são as suas inspirações?

Minhas principais inspirações são as(os) bailarinas(os) egípcias(os), em especial: Randa Kamel, Fifi Abdo, Mahmoud Reda, Tito Seif, Mohamed Shahin, Dina, dentre tantas outras(os). Além desses, inúmeros artistas de diversos países.

9. Que dicas você poderia dar para quem quer aprender a dança do ventre?

A dica que posso dar para quem quer aprender dança do ventre é: venha fazer aula. A dança do ventre acolhe todos os corpos, mulheres ou homens, 15 ou 60 anos, gorda ou magra, alta ou baixa. Com dedicação, interesse e paciência é possível aprender.

10. Que significado você acredita que a dança do ventre tem em relação à mulher?

A dança do ventre tem tantos significados, abordada por tantos pontos de vista diferentes. Cito aqui apenas o mais nítido, após um tempo de prática: aumento do amor-próprio, da maneira de se observar e se respeitar.



Protagonismo feminino na Gastronomia

Por **Marcelo C. Acri**

Leticia Baudraz de Paula é nossa convidada para falar sobre sua formação, seu dia a dia e sua profissão, a Gastronomia, que exige muito mais do que cozinhar bem. A sua profissão lida com muitos saberes, como Administração.



1. Fale um pouco sobre você, sua formação e profissão.

Sou uma pessoa muito dedicada em todos os aspectos da minha vida, busco sempre aperfeiçoar meus conhecimentos em relação à cozinha, motivo pelo qual escolhi fazer a faculdade de Gastronomia, na UNIFIL – Londrina. Me formei em 2019 e desde então trabalho na área gastronômica, buscando sempre dar meu melhor nas minhas funções como cozinheira.

2. O que a fez escolher essa área?

Sempre gostei de cozinhar, desde pequena, sempre sonhei em trabalhar fazendo o que realmente me faz feliz e que eu amo, por isso, depois de muitas decisões, pude escolher uma faculdade que me ajudasse a profissionalizar esse sonho.

3. Quais expectativas você tinha sobre essa profissão?

Gastronomia não é uma área fácil como muitos devem pensar, diante disso, desde o começo da minha graduação, não pude criar muitas expectativas no início, pois, o nervosismo era

mais evidente em minha jornada. Foram dois anos de muito estudo e profissionalização, para começar a ter metas e objetivos para meu futuro, agora, minha maior expectativa e meta é ter um negócio próprio.

4. Profissionalmente, quais conhecimentos e habilidades são exigidos de você no dia a dia?

Para trabalhar em uma cozinha profissional, é preciso ter muita organização, possuir conhecimentos básicos sobre culinária, ter iniciativa, paciência e manter-se sempre concentrada na sua função, principalmente, nos horários de pico de um restaurante. E uma das habilidades mais importantes é saber trabalhar em equipe.

5. Quais são suas inspirações na vida e na profissão?

Minha mãe sempre foi minha inspiração na cozinha. Aprender com ela algumas técnicas básicas da culinária me ajudou muito no início da faculdade. Profissionalmente, acompanho muitas chefes importantes na área gastronômica, como, por exemplo, a chefe renomada Helena Rizzo e (a chefe) Paola Carosella. Já na área da confeitaria, pela qual tenho mais afeto, busco inspirações na chefe Christina Tosi.

6. Você sofreu ou sofre preconceito por ser mulher em sua profissão?

Apesar de ser uma profissão em que as maiores influências na cozinha são masculinas, nunca passei por nenhuma situação ou constrangimento por ser mulher.

7. O que você pensa do fato de, na sua área, haver mais homens como chefs?

O fato de haver mais homens como chefes de cozinha nos faz relacionar essa questão ao machismo, por mais que sejamos sempre taxadas com “lugar de mulher é dentro da cozinha”, em relação ao campo profissional, a competência das mulheres sempre é colocada em jogo através de argumentos como “mulher é um sexo frágil” e “é emotiva”. Isso torna as mulheres sujeitos incompatíveis com a cozinha profissional. Isso é potencializado quando se vê a disputa pelo cargo de liderança na cozinha, muitos restaurantes têm como chefe um homem. São raros os lugares onde há uma cozinha liderada por uma mulher.

8. Na sua opinião, como a área da Gastronomia pode contribuir para o empoderamento da mulher?

O mercado gastronômico é algo constante e eterno. Com isso, sempre haverá oportunidades de empregos, investimentos e lucro. O importante é sempre estar atenta às mudanças gastronômicas e buscar se aperfeiçoar. Tendo em vista esses pontos, as mulheres conseguem sua independência financeira sem depender de outras pessoas.



Garra, força e vitória: a mulher no Esporte

Por **Nicolas Massuci Fontana Pereira**

Ser mulher é superar a si mesma. E vencer! Eliane e Luci contam para nós um pouco de suas vidas, suas histórias e suas vitórias.



1. Conte um pouco sobre vocês.

Hoje, estamos aqui para contar para vocês um pouquinho de nossa história. Quando eu digo nossa é porque a história é minha, Elaine José Real, e da minha irmã, Eliane Maria Real. Somos gêmeas univitelinas, parceiras, cúmplices e fiéis de uma vida toda até aqui. Somos filhas de um casal abençoado: meu pai, que hoje não está mais entre nós, mas, muito presente em nossas lembranças, e minha mãe, Aurora Montrone Real, uma mulher guerreira, vitoriosa, extraordinária e sempre muito, mas muito, à frente de todos os momentos, à frente da história, pois ela está sempre querendo o melhor, as melhores condições para sua vida e para vida dos seus filhos. Então eu e a Eli, somos em cinco filhos: três homens e duas mulheres.

A gente viveu em São Martinho, um patrimônio de Rolândia, bem pequenininho, mas tivemos uma infância abençoada, agraciada, pois a gente tinha liberdade, tinha segurança e essas coisas são fundamentais. A gente tinha algo muito divino, que é o contato com a natureza. Podíamos ir, de sítio em sítio, colher as frutas dos pés e comer. A gente tinha as brincadeiras saudáveis, estávamos livres de muitas coisas ruins, então, foi uma infância maravilhosa. Só que minha mãe, como era uma mulher muito extraordinária e sempre almejou o melhor para seus filhos, ela não via em São Martinho uma perspectiva de vida para seus filhos, pois ela sempre acreditou que o estudo era o que nos levaria à um futuro muito promissor.

Em 1979, ela e meu pai nos mudamos para Rolândia, porque já não tinha mais para os meus outros irmãos os estudos lá. Assim nós viemos morar em Rolândia. Depois que nos mudamos para cá, eu e minha irmã, Eliane, fomos estudar na Escola Vítório Franklin. E, do ladinho da escola, tem uma pista de atletismo. E toda vez, quase sempre, que a gente saía da escola, nós íamos para a pista. Ali a gente começou a ter esse contato com a corrida. A gente começou a treinar, a correr, a correr... e nos tornamos atletas. Atletas profissionais de alto rendimento! Fizemos parte da Seleção Brasileira, da Seleção Sul-brasileira e da Seleção Paranaense, conseguindo os nossos méritos. E, como tudo na vida tem sua fase, houve uma fase em que nós tivemos que parar de treinar para poder trabalhar, porque o esporte, mesmo sendo profissional, de alto atendimento, não nos garantia o autossustento. Eu e a Eli tivemos que deixar de treinar profissionalmente para

poder trabalhar.

Assim entra uma outra fase da vida em que já estávamos com 21 anos, quando passamos a trabalhar. Um desses trabalhos, e pelo fato de sermos gêmeas, acabamos sendo procuradas por empresas da área de supermercadistas para poder representar seus produtos em feiras nacionais. Em uma dessas feiras em que nós fomos, inclusive, fomos trabalhar no Rio de Janeiro, de volta de lá para cá, ocorreu um acidente automobilístico. Nesse acidente automobilístico, eu, Elaine José Real, tive lesão medular na cervical, e a minha irmã, Eliane Maria Real, teve a parte craniana, a parte intelectual comprometida, porque teve um traumatismo craniano, teve também a clavícula quebrada e outras partes do corpo com lesões.

Então, surgiu um novo desafio para nossa vida, que era se reestruturar, para vencer este desafio, que foi o acidente automobilístico. Nossa vida é marcada por dois momentos: até 1993, quando aconteceu o acidente, então, há um divisor de águas aí. Até 1993, a gente, mesmo a gente deixando de ser profissionais de alto rendimento dentro do esporte, jamais deixamos de ser atletas. E depois disso, a gente vem para uma nova fase da vida, que foi uma fase muito difícil, foi um renascer, um desafio, muito grande a ser enfrentado. A gente só conseguiu superar essa fase, porque a gente teve a base do esporte, porque todo atleta de alto rendimento, ou que não seja de alto rendimento, traz dentro de si (constrói dentro da sua essência) um equilíbrio emocional muito forte, o esporte influencia diretamente no desenvolvimento cognitivo. Isso contribuiu imensamente.

Toda aquela base que tivemos no esporte, de ser determinada, disciplinada e focada, contribuiu imensamente para nossa recuperação, porque foi um momento muito trágico. E depois de tudo isso, minha irmã se formou em Assistência Social e, depois, em Direito. E passou a também fazer parte do CREF, pois ela tinha o CREF profissional, que é a possibilidade de o educador físico sem formação graduada obter o registro funcional no conselho regional de Educação Física. Mas, para conseguir isso, precisa comprovar o exercício na área do esporte de pelo menos três anos antes da regulamentação. O nosso histórico era gigantesco, grandioso, então, foi fácil conseguir o CREF. Depois, surgiu um grande presente em nossas vidas: a criação do grupo de corrida “Bora Correr”, do qual eu e minha irmã somos idealizadoras.

2. O que motivou ambas a correrem na infância?

O que nos motivou a correr, em nossa infância, foram os primeiros contatos que a gente teve ali na pista de atletismo, que fica dentro do estádio Erich George, porque, toda a vez que a gente saía da escola e ia para lá, foi se criando um hábito, que depois se tornou uma grande paixão. Então, em contato com a pista e





depois também que fomos estudar, depois que saímos da Escola Vitório Franklin e fomos estudar no Colégio Kennedy, e tínhamos aula de Educação Física, onde a professora Suzi era a nossa mestra, ela começou a ver em nós, eu e minha irmã, Eliane, duas pessoas com muita potência, com muito resultado para corrida. Que poderia ser um futuro muito promissor. Ela nos apresentou ao técnico de atletismo Ivar Benazi, aqui em Rolândia, falando de nosso potencial na corrida. Foi aí que começaram os nossos primeiros contatos com o esporte, em especial, com o atletismo. Foi uma sequência: o contato com a pista, as aulas de Educação Física, quando a gente se sobressaía nos treinos de corrida que aconteciam, a apresentação para o Professor Ivar Benazi e depois os treinamentos. Foi essa somatória de acontecimentos que nos levou a ter contato com o esporte e que nos motivou a cada dia correr mais, mais e mais, porque os resultados eram ótimos e a paixão só crescia.

3. Quais são seus objetivos atuais no esporte?

Hoje, nós não somos mais atletas de alto rendimento, mas somos atletas, porque quem um dia foi nunca vai deixar de ser: traz em sua essência, no seu sangue, biotipo, memória; então, jamais vai deixar de ser. E o nosso maior objetivo com o esporte hoje é apresentar a qualidade de vida que o esporte traz para todos os seres humanos: que a prática regular de exercício físico contribui imensamente para a saúde. Não só a saúde física, mas a saúde emocional, a saúde psíquica, e (por que não?) a saúde espiritual. Essa prática regular do exercício físico vem para contribuir para nós, enquanto seres humanos, que somos divididos em quatro partes: física, emocional, psíquica e espiritual. Essa é a grande importância que o exercício físico traz para o ser humano.

4. O que significava o projeto Bora Correr para vocês? Quais eram seus objetivos com o projeto?

E como dito loguinho ali atrás, a nossa vida teve um divisor de águas que foi o acidente automobilístico, quando houve uma transformação total em nossas vidas, em nossa história de vida. E esse desafio foi vencido através do exercício físico. E essa superação e esse encorajamento através do exercício físico foi o que nos possibilitaram construir a nossa história com dignidade, com amor, com superação, e que fez com que surgisse o projeto

Bora Correr. Porque foi inspirado em nossa história de vida e precisamente na história de vida da minha irmã, Eliane, que, mesmo após passar pelo traumatismo craniano e pelo comprometimento da massa encefálica, quando perdeu todos os seus movimentos e a sua coordenação motora foi comprometida, voltou a ser uma atleta corredora e passou a inspirar muitas e muitas mulheres da cidade de Rolândia, do estado do Paraná e, possivelmente, acredito, também em nível nacional. Deus a presenteou e presenteou a mim também com o projeto Bora Correr. Por ser inspirado na vida dela e na minha vida, passou a ser inspiração para outras pessoas, precisamente outras mulheres, transformando a vida delas também.

5. Vocês devem ter experienciado a mudança de vida de muitas mulheres com o projeto. Poderiam nos contar uma delas?

Foram muitas experiências que tivemos nesse projeto. A mudança de vida de muitas mulheres, mas muitas, mesmo, é tão gratificante, tão satisfatório, é uma iluminação! Quando você vê que uma aluna chega para você e diz que você a tirou da depressão, de ser refém de remédios, que a vida dela foi transformada e que, hoje, tem mais conhecimento de si mesma. É como a gente diz: não é só a parte física, mas principalmente a parte psíquica, a parte espiritual, é esse bem-estar, essa reconstrução do ser humano. Nós tivemos vários e vários casos de mulheres que receberam essa transformação de uma forma muito grande, imensa e gigantesca.

6. A pandemia de COVID-19 afetou o projeto de vocês nos últimos 2 anos?

Bom, a pandemia na verdade afetou o mundo inteiro, todas as esferas que a gente possa imaginar foram afetadas, principalmente dentro da área da saúde, e o exercício físico está diretamente ligado à área da saúde, principalmente à saúde da mulher. Com o afastamento, com o distanciamento, com o isolamento, o projeto Bora Correr também foi diretamente influenciado, porque houve uma obrigatoriedade de as pessoas pararem de fazer exercício físico, principalmente, a corrida, que era um exercício coletivo. O distanciamento e isolamento afetaram sim diretamente o projeto Bora Correr. Mas vem se reconstruindo, porque, se o esporte, em especial a corrida, leva a ter uma melhor qualidade de vida, automaticamente, as meninas voltaram a fazer o exercício, principalmente, porque durante todo esse tempo, tudo que se ouvia em palestras e entrevistas é que os dois pilares para se manter saudável durante a pandemia era uma alimentação saudável e a prática de exercício físico.

7. Como é sua rotina de exercícios?

Dentro de nosso contexto histórico, falando um pouquinho sobre a nossa história de vida, os exercícios físicos sempre fizeram parte. E, se lá atrás começamos com nove anos de idade e, hoje, já com cinquenta e um, continua sendo. A gente tem a nossa rotina de exercícios físicos. Eu, mesmo sendo cadeirante, uma pessoa



com lesão medular na cervical, não deixo, em hipótese alguma, de fazer meus exercícios físicos. Se não seis vezes na semana, cinco é certeza absoluta, porque o meu condicionamento, a minha recuperação, o meu bem-estar e a minha estrutura física dependem dessa rotina de exercícios físicos. E para mim é algo muito prazeroso e eu me sinto imensamente bem fazendo. Se eu não faço, é o contrário: eu me sinto mal. E a minha irmã continua correndo, fazendo seus percursos, fazendo seus exercícios. Eu acho que já é parte de nossa história, a gente não consegue viver sem. E acho que, mais que tudo isso, é fazer com amor. Quando você faz com amor, não existe sacrifício, não existe desculpas, não existe nada. Então, a prática, a rotina de exercícios, continua da mesma forma. Lógico que respeitadas as condições, a idade. Se antes era de alto rendimento, hoje, é mais para qualidade de vida. Porque temos de respeitar todas as fases de nossa vida.

8. Já sofreram algum tipo de preconceito no esporte por serem mulheres? Como se sentiram? O que fizeram para superá-lo?

Dentre todos esses anos que nós temos esse contato com o esporte, eu e minha irmã jamais passamos por qualquer tipo de preconceito. Pelo contrário, nós sempre fomos motivadas a continuar. Eu acho que até o apoio, a consideração, o respeito, o carinho, a forma como fomos tratadas sempre foram motivos a mais para que a gente continuasse. Então, não houve preconceito nenhum. Pelo contrário, sempre foi algo muito incentivador, gratificante.

9. Para finalizar, vocês possuem algum recado para mulheres que querem seguir carreira em algum esporte?

Se nós pudéssemos deixar aqui algum recado, não somente para as mulheres, mas para homens, para todas as pessoas, ao me enquadrar como pessoas, se conseguir seguir uma carreira como atleta profissional de alto rendimento, eu ficaria muito feliz e eu espero que o nosso país tenha mais espaço para isso. Mas se não for de alto rendimento, que seja para qualidade de vida, para que você possa viver melhor, que você possa superar desafios, porque os desafios sempre existem, a gente só não pode prever quando eles vão acontecer. Que faça o exercício físico, porque ele vai contribuir imensamente de uma forma fundamental, essencial para nossa recuperação. E que essa recuperação, como já colocamos, seja um desafio físico, um desafio psicológico, um desafio espiritual. Ele não vem para te prejudicar nada, ele só vem para contribuir, para te fazer uma pessoa melhor.



A representatividade feminina no Jornalismo

Por Marcelo C. Acri

Quem conhece a Kauana, estudante de Jornalismo, tem a felicidade e a oportunidade de compreender que uma pessoa não existe por si só: é fruto de uma história anterior; de uma família. Neta de nossa queridíssima e saudosa Professora Oilita, ela demonstra que é fruto de uma educação primorosa. Mais do que isso: Kauana inspira àqueles que buscam o sonho de se tornar profissionais de sucesso. É por isso que a convidamos para essa entrevista. E porque é um exemplo de dedicação, autoconhecimento e proatividade.



1 – Gostaríamos que você falasse um pouco sobre você e sua formação acadêmica.

Muito prazer, meu nome é Kauana Vitoria Campaner Cardoso (um nome grande para uma pessoa de 1,60m). Tenho 21 anos e atualmente estou no último ano da faculdade de Jornalismo. Sempre gostei de ler e escrever. Sou daquelas que tem o aplicativo “Notas” do celular lotado de escritas, alguns rascunhos, poemas por ali, ideias por aqui... Sou uma mulher que está descobrindo pouco a pouco, a cada dia que passa, um pouco mais sobre mim mesma, sobre quem eu sou e quem ainda quero me tornar. Questiono quase tudo o que vejo, e penso muito sobre tudo.

2 – Você é estudante de Jornalismo. Por que escolheu esse curso?

Por mais que me identifique muito com o curso de Jornalismo, a escolha não foi nada fácil. Eu já sabia que iria para a área de Comunicação. Mas foi necessário um teste vocacional para firmar o pé no Jornalismo. É engraçado pensar que, olhando para o passado, desde criança, eu sou apaixonada por escrever. Português e História sempre foram minhas matérias favoritas na escola. O Jornalismo sempre esteve presente na minha vida, mas ficava ali quietinho, esperando que eu o encontrasse.



3 – Como é a profissão de jornalismo para a mulher?

Acredito que tudo para a mulher é sempre mais desafiador. Toda profissão, certamente, sempre tem seus desafios e altos e baixos. Vemos, em diversos âmbitos, uma mulher sendo desqualificada em seu cargo pelo simples fato de ser mulher. E, no Jornalismo, isso não é diferente. Vemos mulheres que não foram sequer contratadas por uma empresa por serem mães, ou então que sofreram assédio ou abuso sexual dentro do local de trabalho e tiveram que sofrer caladas. É sempre um desafio. Não vai ser fácil, mas estamos juntas.

4 – Quais são suas inspirações na vida e na profissão?

Minha maior inspiração e exemplo na vida é, sem sombra de dúvidas, minha avó, Oilita Giordani. Mulher, esposa, mãe, avó e professora (inclusive, por muitos anos, do Colégio Villanueva). Ela me ensinou a ter fé, a ser forte e guerreira, a não ter medo de expor minha opinião e a nunca levar desaforo para casa. Acima de tudo, me ensinou a não ter medo de ser quem realmente sou. Quanta falta ela faz! Em relação ao âmbito profissional, poderia citar inúmeras mulheres. Christiane Amanpour, Glória Maria, Fernanda Catania, Maria Beltrão, Ana Clara, Sandra Annenberg, Kathulin Tanan, Natuza Nery, Mari Palma, Márcia Dantas, entre muitas outras.

5 – Quais são suas expectativas na profissão?

Desde que me descobri no Jornalismo, meu sonho sempre foi trabalhar no rádio. Felizmente, este sonho está sendo realizado, graças a um estágio na Rádio UEL FM, no programa Revista do Meio-Dia. Minha maior expectativa, dentro do Jornalismo, seria experimentar (nem que seja só um pouquinho) todas as áreas. Almejo trabalhar em uma redação, mas também ser repórter de televisão. E, quem sabe um dia, chegar à apresentação, mas também conhecer os bastidores e ser parte da produção? O Jornalismo nos dá tantas oportunidades e possibilidades. Meu

desejo é me tornar uma profissional dinâmica, que consegue transitar dentre todas as áreas que o Jornalismo oferece.

6 – Você já sofreu preconceito por ser mulher? Se sim, como foi?

Certa vez, uma pessoa estava lendo um trabalho meu e elogiando, quando soube que eu tinha escrito, disse: “Nossa! Mas é tão profissional”, como se eu não pudesse fazer um trabalho profissional, por ser mulher e jovem. Além disso, não precisamos contar as inúmeras piadas com “mulher no volante”, ou quando você faz uma comida boa e ouve “já pode se casar”, ou pior, não pode nem sair com roupa de academia na rua sem ser assediada.

7 – Em sua opinião, qual é o papel da mulher na sociedade?

Essa, sem dúvida, foi a pergunta mais difícil. Depois de pensar muito, imaginando que encontraria uma resposta filosófica ou que quebrasse os padrões, percebi que a resposta é muito mais simples. O papel da mulher é onde ela quiser! Somos livres para sermos quem quisermos, e livres para fazermos nossas próprias escolhas.

8 – Que conselho você daria para as meninas que ainda estão na escola, mas já precisam pensar no que farão no futuro?

Meu maior conselho (e também o que eu gostaria de ter ouvido naquela época) é: se conheça melhor, pense no que você gosta ou não gosta, questione seus pensamentos, suas ideias, pense em quem você gostaria de se tornar um dia e comece a trabalhar isso dentro de você. Às vezes, a vida pode ser um pouco difícil. Mas eu garanto que você vai passar por todas as dificuldades que o mundo pode te apresentar e quando a tempestade passar, você vai dizer para si mesma: “eu consegui”. E isso não tem preço. Sonhe alto! Você pode tudo, pode ser o que quiser! Acredite em si mesma, sempre.

9 – Gostaríamos também que você deixasse uma mensagem para todas as mulheres.

A cada dia que passa, descubro um pouco mais sobre mim mesma. E queria deixar aqui uma reflexão que fiz recentemente. Ser forte não quer dizer ser inabalável, ser forte é se conhecer, saber quem você é, reconhecer seus limites. Entender que não podemos estar felizes o tempo inteiro. Todas nós temos momentos ruins, ficamos tristes, desapontadas, nervosas, com raiva. Afinal, somos seres humanos, e podemos sentir milhares de sentimentos. Portanto, não deixe de sentir. Deixe fluir cada sentimento. E entenda. Entenda a si mesma. Se conheça. Cuide de você.



Pedagoga e Educadora: a representação feminina na Educação

Por **Lethicia Boni Cardoso**
e **Isabelly Boni Cardoso**

No cotidiano escolar, a Pedagoga Débora inspira a representação da mulher que organiza, coordena e avalia o trabalho pedagógico de uma forma a inspirar colegas, professores e estudantes.



1. Gostaríamos que você se apresentasse e falasse um pouco sobre sua formação acadêmica.

Meu nome é Débora A. Batista Casotti, sou formada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Londrina – UEL, e pós-graduada em Avaliação Educacional e Gestão do Trabalho Pedagógico.

2. Você teve alguma mulher que a inspirou a exercer sua profissão?

Sim. Sempre fui apaixonada pela disciplina de História e tive uma professora aqui no colégio por nome Neuza Canônico, que me inspirou muito a continuar meus estudos.

3. Qual é a importância da mulher na educação?

A importância da mulher na educação refere-se às suas contribuições na mudança de paradigmas sociais. A mulher passou a ocupar um espaço relevante na sociedade ao se posicionar como cidadã, opinando nas questões sociais, econômicas e emocionais. Esse posicionamento não quer dizer que ela é maternalista, mas sim procura nas suas ações transformar a sociedade para que seja mais justa e igualitária.

4. Como é o trabalho de uma pedagoga?

O trabalho de uma pedagoga é bem dinâmico. Temos uma demanda muito intensa de atividades para desenvolver em um curto espaço de tempo que envolve: o atendimento aos alunos e as famílias, assessorar os professores, definir ações conjuntas com o corpo docente, para superação de dificuldades apresentadas na área pedagógica, participar e promover formação continuada, elaborar e atualizar documentação específica da área, participar de reuniões com a equipe gestora e com a comunidade escolar, tutoria pedagógica, acompanhamento das plataformas digitais, desenvolver intervenções pedagógicas para recuperação de estudos, direcionar os Conselhos de Classe, realizar busca ativa de alunos, entre outras questões que precisam ser realizadas dentro de prazos previstos pelo Núcleo Regional de Ensino (NRE) e/ou Secretarial Estadual de Educação e do Esporte (SEED).

5. Você tem algum aprendizado que gosta de levar sempre consigo?

Sim. Para responder a essa questão, vou utilizar uma frase atribuída ao filósofo Sócrates: “Só sei que nada sei”. Durante minha vida profissional, aprendi que é necessário termos a humildade de aceitar que precisamos estar nos atualizando o tempo todo. Não sabemos tudo, estamos em constante evolução.

6. Quais são as vantagens e desvantagens desse trabalho?

Penso que a maior vantagem do meu trabalho é fazer a diferença na vida de alguém, de um grupo, de uma escola, onde tenha desenvolvido e desenvolvo meu trabalho. A maior desvantagem é ser, muitas vezes, desrespeitada e desvalorizada.

7. Das experiências que testemunhou na área da educação, qual delas considera que marcou você?

Das experiências que vivenciei e vivencio, a mais satisfatória é perceber a evolução dos alunos e suas superações das dificuldades relacionadas ao aprendizado. E volto a falar: saber que, nesse contexto, pude contribuir para melhoria na vida de alguém.

8. Você já sentiu alguma indiferença por conta do seu gênero na sua área de trabalho?

Não. Talvez, porque nessa área o gênero feminino é predominante.

9. Na sua opinião, como a educação pode contribuir para o protagonismo feminino?

A educação deve contribuir sim para o protagonismo feminino. Infelizmente, ainda vivemos em uma sociedade machista. Em diversas situações, percebemos que, mesmo os homens que se rotulam não machistas, em algumas situações, demonstram o contrário. Atualmente, na escola, esse trabalho já vem acontecendo por ação de alguns professores, tendo em vista levar as novas gerações a uma mudança no pensamento e no seu comportamento em relação às mulheres.



A Mulher na Música

Por **Gustavo Henrique da Silva de Carvalho**

Como disse Chiquinha Gonzaga em sua música: “Ô abre alas, que eu quero passar”. A mulher na Música é assim: apoteótica, marcante e decididamente forte. Tão apoteótica quanto a música que toca; tão marcante quanto as emoções que causa nos ouvidos e corações; e tão forte quanto o ataque de toda a orquestra que está em suas mãos! Nicole Bergamo representa essa mulher, que estuda, ensina, rege e, por fim, merece muitos aplausos!



1. Qual é a sua formação?

Eu comecei os estudos de violino aos doze anos, no colégio Mãe de Deus, aqui em Londrina. Esse colégio sempre foi grande referência no ensino dos instrumentos clássicos, então, iniciei meus estudos lá. Atualmente, sou aluna do *spalla* da orquestra da UEL (Universidade Estadual de Londrina) e continuo com os estudos particulares. Sou formada em Administração, fiz a faculdade pela UNIFIL (Centro Universitário Filadélfia, Londrina) e me formei em Administração, porém exerci por pouquíssimo tempo. Exerci mesmo a profissão de música, de violinista.

2. Há quanto tempo você possui paixão pela música e pelo seu instrumento? Como você conheceu o violino?

Desde criança, bem criancinha mesmo, eu falava que queria tocar violino. Eu não sabia qual era o instrumento, falava e apontava, quando via na televisão ou em algum outro lugar, e minha vó que percebeu que eu fazia os gestos. Então, eu sempre quis tocar o violino, porém, na minha época de infância, o estudo, as aulas e o instrumento eram bem mais caros; era caro para a época. Hoje, é muito mais acessível. Então, demorou um pouco para me colocarem realmente para estudar o violino, mas isso vem desde criança. Na minha família, tem o meu bisavô paterno que tocava. Eu não o conheci, mas meu pai falava que ele tocava muito bem e minha vó até quis me colocar, porque o pai dela tocava, então, isso vem desde a minha infância.

3. Você teve dificuldades para se tornar musicista por ser mulher?

Não, nunca tive essa dificuldade, foi muito tranquilo até.

4. O que você considera ser a chave para motivar e incentivar as mulheres a realizarem seus sonhos e a alcançarem o sucesso?

Com certeza, o estudo e a determinação, independentemente, de ser mulher ou homem. Eu sei que, para a mulher, algumas coisas são mais difíceis, mas acho que sem o estudo, sem o conhecimento e sem a determinação, a gente não alcança nenhum

Spalla é o nome que se dá para o músico que ocupa o cargo de primeiro violino na orquestra. Fica posicionado na primeira cadeira do lado esquerdo do maestro.

sucesso e não realiza nem um sonho. Então, principalmente estudar, estudar sempre, buscar se aprimorar, se especializar sempre. Não pode ficar estacionado, ainda mais na Música. É preciso estar sempre estudando, sempre treinando, procurando o melhor. Vejo também pelo meu lado como professora, sou professora de violino, a gente tem que estar sempre buscando novas técnicas de ensino, sempre buscando novos materiais e novos conteúdos, para conseguir realmente promover a formação do aluno.

5. Como foi o caminho percorrido por você e como é o seu dia a dia como violinista?

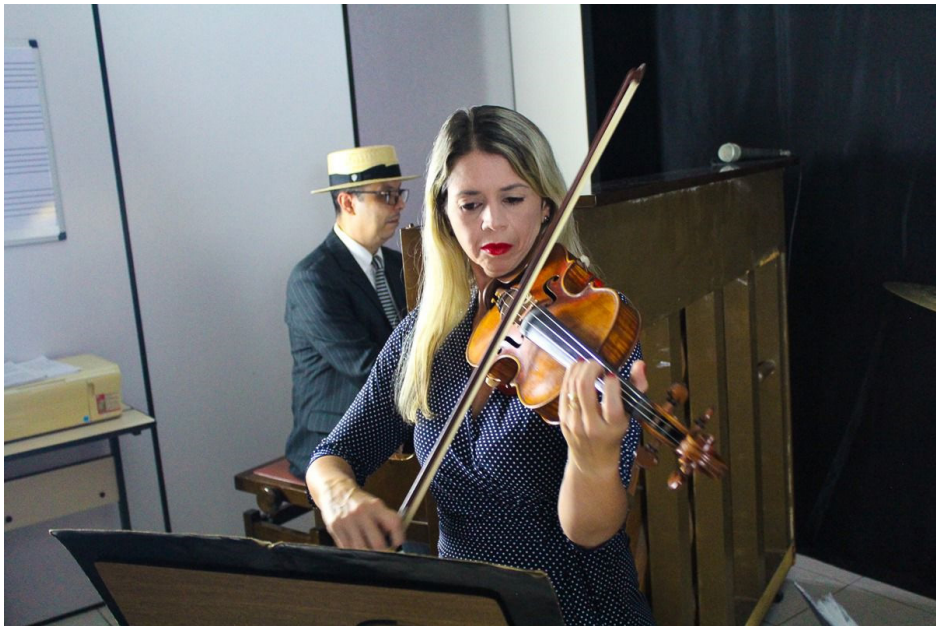
Eu iniciei quando criança e sempre estudei no Colégio Mãe de Deus (Londrina). Depois mudei de professor, toquei em orquestra de alunos e, para mim, sempre foi muito tranquilo. Fui fazer faculdade de Administração, mas sempre estive com a Música. Logo que estava me formando na faculdade, eu integrei um grupo de casamentos aqui de Londrina. Então, comecei a fazer eventos e, depois, eu comecei a dar aulas. Eu trabalhei muito pouco tempo com Administração, porque sempre estive com a Música, com o violino. Deixei de lado a Administração e fui dar aula de Música, abri meu próprio espaço, pois eu tenho o Ateliê Nicole Bergamo, onde tenho os meus alunos, e tive o convite e, hoje, sou coordenadora do projeto Musicando na Escola, que é um projeto com escola municipal. Um projeto de música em que nós temos aula de violino e violoncelo. Então, meu caminho sempre foi para o lado da Música, embora tenha tido formação em Administração e tenha trabalhado por muito pouco tempo nessa área, sempre estive ligada à Música, primeiro tocando em eventos e depois comecei a dar aula, ter alunos, fui dar aula em escola de Música, fui convidada para dar aula nesse projeto, assumi a coordenação e abri meu próprio espaço. Então, hoje, meu dia a dia é com o violino: dando aula, tocando nos eventos.

6. Sobre sua profissão, poderia nos dizer como é ser uma violinista profissional?

Bom, eu não sei como descrever muito isso, porque como é algo que eu faço praticamente durante a minha vida inteira: eu tenho trinta e nove anos e comecei com doze. Mas, quando comecei realmente a trabalhar com a Música, que foi por volta dos meus vinte e cinco anos, para mim já era algo comum, normal. A única diferença é que eu tenho todas as responsabilidades. Tenho responsabilidade com os alunos, tantos os particulares quanto os do ateliê e do projeto, minhas crianças nas escolas municipais. Tenho meu grupo de casamento, que é o grupo Allegro. Então, tenho uma responsabilidade com eles de coordenar os outros músicos, de organizar as cerimônias, juntamente aos noivos. Mas, para mim, é algo normal na minha rotina. Não consigo me ver fazendo outra coisa que não seja isso.

7. Quando estudamos a história da Música Erudita, percebemos nomes somente masculinos: Beethoven, Mozart, Bach, Verdi, Bizet, Rossini, por exemplo. Não há mulheres que se destacam na Música Erudita? Você tem referências





Nicole Bergamo (violino) e Maurício Netto (piano).

femininas na música?

Olha, não. Eu não tenho referências femininas. Não pelos meus estudos. Mas, realmente, os nomes que se destacam são os nomes masculinos. Mozart tinha a irmã, que era pianista também. Irmã mais velha que ele. Mozart era uma criança prodígio, se destacou muito novinho, e a irmã, pouco mais velha, já acompanhava o pai. Era uma excelente pianista, porém, ele se destacou, porque ele era o compositor, ele era o prodígio. Existe sim, na Música Clássica, nomes femininos, porém, não se destacaram realmente como os homens. E, no Brasil, nós temos a Chiquinha Gonzaga, que também foi de grande importância na Música. Mas, realmente, elas não tiveram o mesmo destaque, o mesmo reconhecimento dos nomes masculinos. Não sei se isso é devido à época, se era comum na época, mas nós sabemos que tem as referências, mas não se destacaram igual aos masculinos.

8. O que você pensa em relação ao papel da mulher na música?

Eu penso que é muito importante. Na docência, e pela mulher ter mais sensibilidade, possui um tato, um jeito que a leva a ter mais proximidade com a criança. É como um instinto maternal. Embora tenha excelentes professores, claro, não podemos generalizar. Então, acho que o papel da mulher na Música é muito importante, porque, embora eu veja que a maior parte dos músicos são homens, essa sensibilidade feminina acaba fazendo a diferença na educação musical.

9. O que você diria para a sociedade e, especialmente, para as mulheres, não somente na Música, mas sim em tudo?

É o que eu falei na outra questão. Eu diria que você tem que ter um objetivo, acreditar nele e buscá-lo. Buscá-lo através de quê? De estudo, de determinação, de focar. Muitas vezes, a gente pensa “ah, eu quero fazer muito isso aqui”, mas não coloca todo o empenho, acaba se distraindo ou pegando várias coisas para fazer ao mesmo tempo e não foca bem em nada. Eu diria isso: que, não somente na Música, a gente tem que ter muita determinação, muita disciplina, que é o que eu sempre falo para os meus alunos. A Música exige disciplina. Tem que tentar estudar, fazer um cronograma de estudo: “ah, hoje, eu vou estudar de tal hora a tal hora”, “eu vou estudar duas horas por dia”, “uma hora por dia”, “o tempo que eu posso”. Mas tem que ter uma rotina, determinação, porque daí, dessa forma, a gente consegue ter êxito em tudo o que a gente se propõe a fazer.



Elke Coelho e a representatividade feminina na Arte

Por Gessiely A. Sperandio



Arte é feminilidade. Arte é criatividade, dedicação, projeção, esforço, mas também é delicadeza, é crítica, é empoderamento. A Arte de hoje pode ser uma ideia, um conceito, um processo, uma percepção individual e única de alguém. Elke Coelho, uma grande artista contemporânea, conta para nós sobre sua obra, suas inspirações e como a arte está presente nos objetos mais inesperados.

1. Qual seu nome e sua formação acadêmica?

Elke Coelho. Nasci em 1983, na cidade de Junqueirópolis (SP), atualmente vivo e trabalho em Londrina (PR). Sou pesquisadora, artista e professora no Departamento de Arte Visual da Universidade Estadual de Londrina. Possuo graduação em Educação Artística pela Universidade Estadual de Londrina (2005); especialização em Literatura Brasileira, pela mesma instituição (2007); mestrado em Artes Visuais – Poéticas Visuais, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2009); e doutorado em Artes Visuais – Poéticas Visuais, pela Escola de Comunicações e Artes da USP (2014). Participei de exposições coletivas e individuais.

2. O que te inspirou a seguir o ramo artístico?

Uma professora de Artes, durante o ensino médio. A professora Sandra Pantano, que atualmente vive na cidade de Tupi Paulista, no interior do estado de São Paulo, me apresentou a História da Arte. A partir dessa experiência, me interessei cada dia mais pelas Artes Visuais.

3. Conte-nos um pouco da sua trajetória como artista contemporânea.

As minhas atuações como artista, professora e pesquisadora se intercalam e, ao mesmo tempo, se complementam. Acredito que muitas coisas presentes na minha ação docente provêm de raciocínios poéticos exercitados durante a produção artística e, também, experiências em sala de aula me estimulam a produzir.

4. De que forma se dá sua produção artística?

Em geral, meus trabalhos são compostos a partir da e da acumulação de objetos cotidianos de pequenas dimensões, como cotonetes, agulhas, alfinetes, palitos de fósforos, bolinhas de pingue-pongue, entre outros. Também, em muitas proposições artísticas, há a presença da palavra enquanto um dado importante, no próprio corpo do trabalho ou no título.

5. Qual foi sua última criação?

Um trabalho intitulado “Água viva (Projeto Citação)”, que envolveu a transcrição manuscrita, na íntegra, do livro “Água Viva”, da escritora brasileira Clarice Lispector.

6. Você utiliza alguns materiais bem específicos na sua arte poderia nos dizer o que te fez escolhê-los?

Uma coisa que me chama a atenção nos materiais é sua característica física, ou seja, aquilo que eles podem comunicar enquanto sensação: maciez, rigidez, aspereza, cortante e/ou incisivo. A partir disso, penso em possibilidades de articular o corpo sensorio do material com a sua carga simbólica e funcional. Os cadernos de anotações são marcantes em meu processo, neles registro, cotidianamente, tudo que chama a minha atenção e que pode, futuramente, ser matéria-prima para minha produção artística.

7. Existe algum(a) artista/filósofo/pesquisador que seja uma referência para você?

Sim, muitos. Para não me estender demais, vou citar cinco: os escritores Valter Hugo Mãe e Clarice Lispector, os artistas Bispo do Rosário, Mira Schendel e Fernanda Gomes.

8. Como a Arte, na sua opinião, contribui para que a sociedade compreenda e respeite a mulher?

A arte é um espaço múltiplo e heterogêneo de percepções e discussões. Sendo assim, todo e qualquer assunto pode ser abordado por este campo de conhecimento, fazendo com que o espectador dilate e expanda suas percepções sobre o mundo.



Figura 01
Elke Coelho. Pele (Série “Quando Criança o verme sonhava em ser...”), 2012-13. Esfera perolada, tecido, linha, palavra datilografada, papel e prego. 16 x 15 cm.

Nós, professores e alunos do projeto **Conectados com a Gente**, queremos agradecer à artista Elke Coelho, que enviou para nós diversas imagens de obras de arte que criou. É uma grande oportunidade para mostrar aos nossos alunos diversas peças de um acervo lindo. Mais ainda: queremos dedicar esse presente a todas as mulheres de nosso colégio: alunas, professoras, pedagogas, funcionárias e à Diretora Neuza.

E às alunas que fizeram e fazem parte deste projeto: *Ellen, Giovanna, Alice, Camila, Bianca, Cecília, Isabelly, Lethicia, Livia e Sofia*. E, em especial, à *Professora Gessiely A. Sperandio*, grande exemplo de pessoa, professora e artista!



Figura 02
Elke Coelho. *Epiderme*, 2013. Bolinha de pingue-pongue, alfinete e agulha. Dimensões variáveis.



Figura 03
Elke Coelho. *Proposta*, 2013. Maça, prateleira de madeira e alfinete. Dimensões variáveis.



Figura 04
Elke Coelho. *Sem título (Série “Ontem o dia estava assim”)*. Lápis de cor e grafite sobre papel. 7 x 8,3 cm.



Figura 05
Elke Coelho. *Resíduo* (detalhe), 2013. Madeira, recipiente de vidro, farinha de trigo, esfera perolada e prego dourado. 27 x 380 x 4 cm.

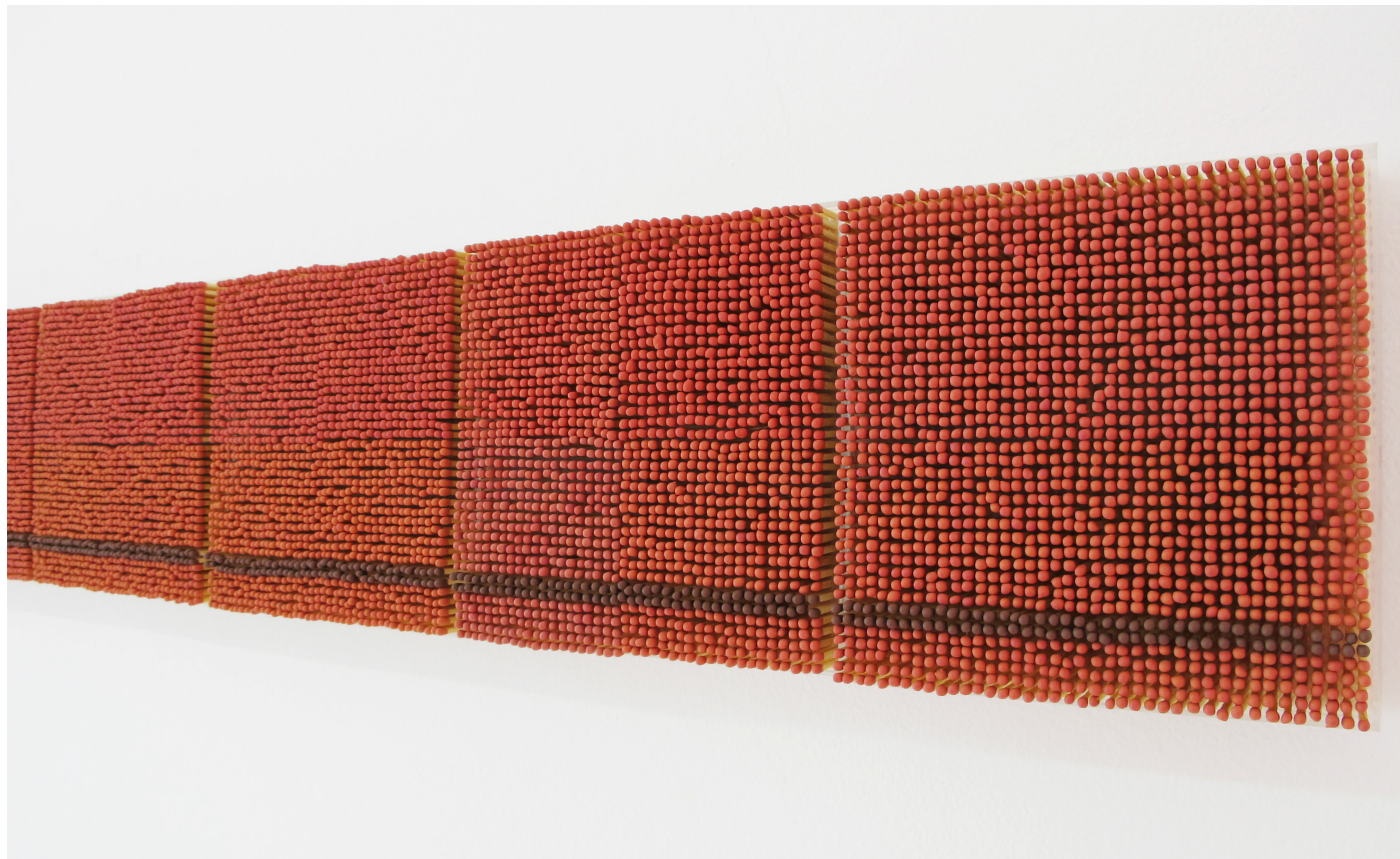


Figura 06
Elke Coelho. *Linha do horizonte (detalhe)*, 2013. Acrílico, palito de fósforo e grade plástica. 16 x 368 x 6 cm.

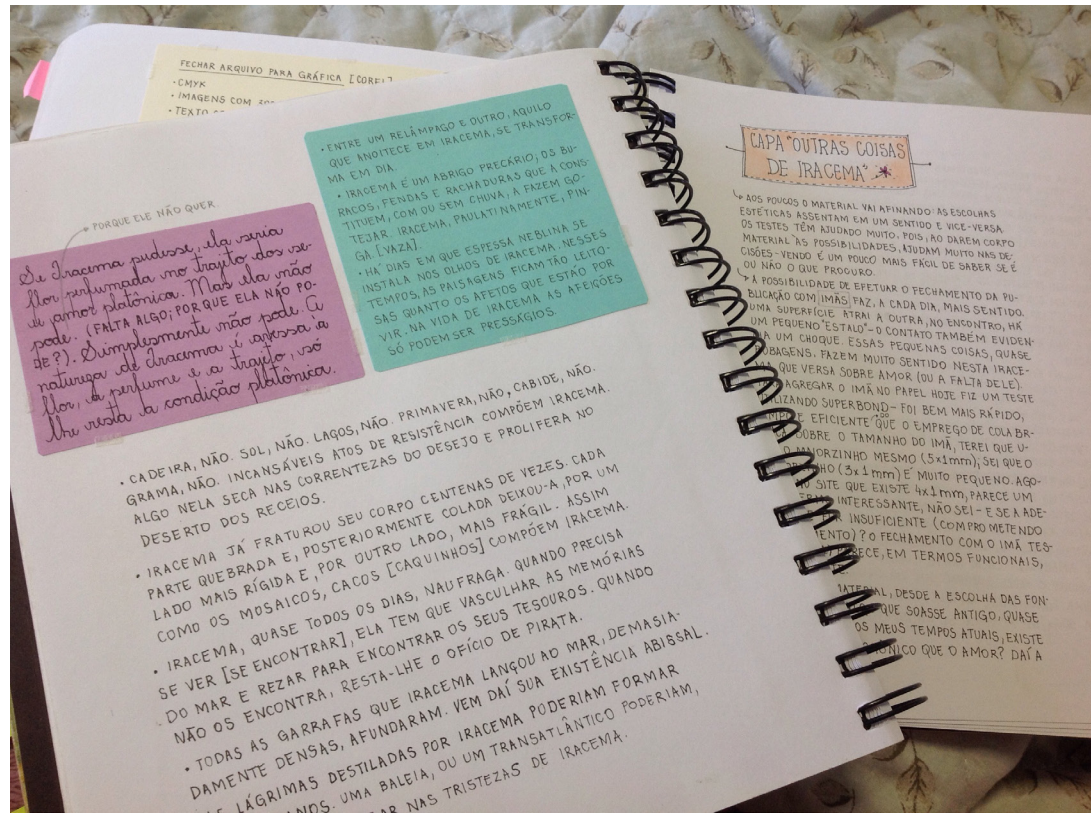


Figura 07
Elke Coelho. Caderno de anotações.